



Nº 24^{JUL/DEZ}

TRADIÇÃO DISCURSIVA E HISTORICIDADE DO GÊNERO TEXTUAL: CARTAS DE LEITOR NA SALA DE AULA

Bianca do Carmo Pereira Brito¹ <http://orcid.org/0000-0002-4331-7775>Valéria Severina Gomes² <http://orcid.org/0000-0002-4517-4667>

RESUMO: As tradições discursivas são ocorrências textuais e linguísticas que perpassam o tempo e a língua em que estão sendo usadas, podem ser utilizadas por um determinado grupo social num determinado tempo, para servir a uma determinada finalidade comunicativa (CARVALHO e ZAVAM, 2018). Com base nesse conceito, foi possível analisar as cartas de leitor, tendo em vista que os gêneros são uma dimensão das tradições discursivas. O presente artigo trata o gênero textual em seu contexto de produção, com o objetivo de propor uma sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) que contemple diferentes dimensões de ensino, considerando versões da carta de leitor do passado e do presente. Das cinco variantes identificadas por Costa (2009), a sequência foi proposta com base na carta de leitor opinativa, a fim de estimular o conhecimento acerca do gênero, da língua e de trabalhar a escrita de modo gradual e contextualizado, como um processo de aprendizagem contínuo.

PALAVRAS-CHAVE: Tradição Discursiva; Carta De Leitor; Sequência Didática.

RESUMEN: Las tradiciones discursivas son marcas textuales y discursivas que permean el tiempo y la lengua donde se están utilizando, pueden ser insertado por una determinada sociedad en un determinado tiempo, para servir a una situación particular, (CARVALHO y ZAVAM, 2018). Con base en este concepto, fue posible hacer el análisis de las cartas de lector, teniendo en vista que los géneros son una dimensión de las tradiciones discursivas. El presente artículo trata el género textual en su contexto de producción, con el objetivo de proponer una secuencia didáctica (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) que contemple distintas dimensiones del ensino, considerando versiones de la carta de lector del pasado y del presente. De las cinco variantes identificadas por Costa (2009), la secuencia fue propuesta con base en la carta del lector opinativo, al fin de estimular el conocimiento acerca del género, de la lengua y de trabajar la escritura de modo gradual y contextualizado, como un proceso de aprendizaje continuo.

PALAVRAS-CLAVE: Tradición Discursiva; Género; Secuencia Didáctica.

1. Tradição discursiva: um modelo possível na sala de aula?

A compreensão do conceito de tradição discursiva (doravante TD) parte da distinção que Eugênio Coseriu fez dos três níveis de linguagem: o nível universal, o qual é relativo ao

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras - Português e Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).b

² Professora do Curso de Licenciatura em Letras - Português e Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

falar geral, comum aos seres humanos; o nível histórico, que corresponde à língua sócio-historicamente constituída; e o nível do texto e do discurso, que é individual (ANDRADE; GOMES, 2018). Partindo dessa visão, Peter Koch (1997) subdividiu o nível histórico, incluindo as tradições discursivas. Esse nível faz referência aos diferentes modelos textuais, o estilo supraindividual, atos de fala e fórmulas recorrentes.

Outros autores também reforçaram a duplicidade do nível histórico proposta por Koch (1997). Oesterreicher (2001), por exemplo, relacionou os diferentes níveis da linguagem com os conceitos de fala e escrita. De acordo com o pesquisador alemão, o nível universal, seria uma atividade genericamente humana. Já no nível histórico, a língua é instituída social e sistematicamente, se encaixa no ato de fala e segue uma determinada tradição das línguas históricas particulares. Nesse nível, as TD abarcam os modelos tradicionais literários e os não literários, assim como os outros tipos textuais. No último nível, o individual, tem-se a concretização da fala ou da escrita em uma determinada situação. Para Kabatek (2006, p. 512), TD é “a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de um modo particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio”. De acordo com o autor, o propósito comunicativo dos falantes atravessa o filtro da língua e das tradições discursivas, a fim de que se efetive no ato comunicativo

De modo geral, as TD são marcas textuais e discursivas que perpassam o tempo e a língua nas quais estão inseridas, podem ser utilizadas por uma determinada sociedade num dado tempo, para servir a uma situação específica. Essas marcas textuais e dos modos de dizer estão presentes em diversas situações, como, por exemplo, em uma saudação matinal com um “Bom dia”, que é uma forma de cumprimentar recorrente e que se conservou no tempo. Também são exemplos de TD os elementos constitutivos de um gênero que se encarregam de marcar a sua natureza ao longo do tempo, passando, evidentemente, pelos processos de mudança e permanência. Esse conceito tem sido utilizado no desenvolvimento de pesquisas que envolvem a historicidade do texto e da língua, como também em proposições didáticas, como o presente artigo que focaliza o gênero textual carta de leitor.

Assim, acreditamos que o modelo de Tradição Discursiva pode auxiliar na compreensão dos modos de falar e escrever que estão presentes na rotina dos educadores e educandos, cuja historicidade passa despercebida. A Base Nacional Comum Curricular (2017) orienta a inclusão da dimensão histórica, assim como a inserção do cotidiano do estudante em sua aprendizagem, relacionando o que é estudado em sala com o seu dia a dia. A abordagem do texto escrito e oral, incluindo a dimensão sócio-histórica nas atividades didáticas, torna possível a percepção das constantes modificações, como também as permanências dos textos e da língua, seguindo a dinâmica da sociedade. Assim, o saber do estudante pode ser construído a partir da observação histórica, logo diacrônica, e também da sua vivência, portanto sincrônica, por meio de reflexões contínuas e interdisciplinares, tendo em vista a observância histórica da língua e dos textos. Para tanto, partimos do ponto de vista de que a sala de aula é um espaço para experimentar novos vieses de aprendizagem e propomos, neste artigo, uma sequência didática (que poderia ser realizada do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio), pautada nas dimensões da leitura, da escrita e da reflexão linguística por meio da historicidade da carta de leitor.

2. Carta de leitor: o que esse gênero textual tem a nos “dizer”?

De acordo com Gomes (2007), o jornal brasileiro passou por três tendências. A político-panfletária, nesse primeiro momento o jornal é marcado por seu caráter essencialmente opinativo, ou seja, existia uma forte influência dos posicionamentos pessoais na produção jornalística. As cartas de leitor teriam surgido nessa fase, desempenhando o papel de apresentar as manifestações dos leitores do jornal, sejam elas opinativas, reivindicatórias, culturais ou emocionais. A segunda fase seria a literário-independente, um momento onde há a junção de textos considerados literários e a imprensa. Nessa fase, o jornal possibilita, também, uma leitura mais prazerosa, com espaço para os romances ficcionais. A última fase, seria a telegráfico-informativa, com o advento do telégrafo, houve uma padronização no jornal e ele se tornou mais informativo, se aproximando mais do formato que temos hoje em dia. Considerando essa transformação do jornal é de se conjecturar que as cartas de leitor também acompanharam essa mudança. Assim como o jornal, o gênero estudado apresenta traços de mudança e de permanências ao longo do tempo.

Chaparro (*apud* COSTA, 2009) afirma que a carta de leitor desempenha uma função de manifestação opinativa, reivindicatória, cultural ou emocional do leitor, demonstrando um caráter mais pessoal com relação a toda estrutura do jornal. Essa tradição discursiva nasce na primeira tendência do jornal, por ter essa função mais aproximativa, pessoal. A fim de estabelecer critérios para a análise das cartas, Costa (2009) destaca os seguintes aspectos constitutivos: a carta de leitor está localizada em um tempo e espaço específico; estabelece contato entre os interlocutores ausentes; exerce funções textuais informativas (com a presença de um narrativo) e apelativa (com a presença de um argumentativo), onde o escritor-leitor expõe um tema e busca persuadir os leitores; possui uma saudação inicial e uma despedida. Esses aspectos são importantes para o trabalho com as cartas e são características que podem ser trabalhadas na transposição didática.

Costa (2009) também identificou cinco variantes das cartas de leitor:

- a carta de leitor opinativa, o leitor expõe sua opinião sobre determinado assunto;
- a carta de leitor de reclamação, o leitor reclama sobre uma situação ou serviço específico e/ou pede para alguém solucionar um problema.
- a carta de leitor de agradecimento, o leitor agradece à comunidade ou a indivíduos pela ajuda recebida.
- a carta de leitor de resposta, onde se responde uma acusação ou afirmação ou se apresentam outros pontos de vista em relação a um artigo exposto no jornal ou em outra carta.
- a carta de leitor de parabenização, que possui a função de felicitar alguém em público.

A variante carta de leitor opinativa possui um caráter argumentativo, assim como a de resposta. Aquela será a escolhida para ser trabalhada na sequência didática proposta neste artigo, com base em algumas características específicas dessa variante (COSTA, 2009, p. 288-290):

- referência a um artigo ou correspondência anterior;
- intenção de convencer o leitor do jornal a adotar o ponto de vista do autor da carta;
- presença de perguntas retóricas;
- subordinação;
- formulação de teses e argumentos;
- frases exclamativas e interrogativas;
- verbos no imperativo [...] ou no subjuntivo.

Essas características fazem parte da construção da carta opinativa. Biber (*apud* COSTA, 2009) aponta que os textos podem ser mais ou menos situados no contexto espaço-temporal. Quando o texto é mais situado, ele possui uma narratividade, como a carta de leitor de reclamação, à medida que ele se afasta, começa a argumentatividade, nesse caso se encontra a carta opinativa. A argumentatividade será o aspecto textual da carta opinativa que será trabalhado na sequência didática proposta neste artigo.

3. Sequência didática

A sequência didática “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97), conforme a estrutura básica, abaixo:

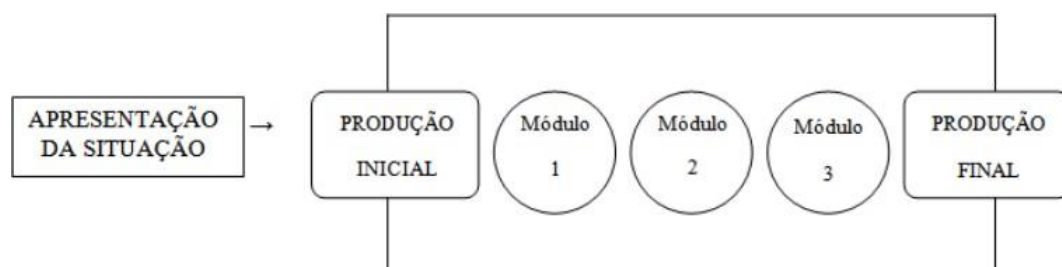


Figura 1: Estrutura da Sequência Didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.98)

Neste artigo apresentamos uma proposta de sequência didática com base no gênero textual escrito carta de leitor. A sequência terá a apresentação da situação e quatro módulos, incluindo a escrita inicial, final e reescrita textual. O processo de reescrita pode ser definido como “reflexão sobre a escrita” (LEITE, 2012). Ele é compreendido como um processo onde os alunos podem se transformar em autocorretores. Nesta proposta será utilizada a reescrita com a mediação do professor, cujas orientações contribuem diretamente com a escrita do aluno. Esse tipo de correção é visto de modo processual, e a reescrita é um elo na interação professor-aluno (LEITE, 2012). Há quatro tipos de correção que o professor pode seguir, sendo elas:

- Correção resolutiva: onde o professor aponta o erro e os corrige.
- Correção indicativa: o professor indica o erro por meio de sublinhado, círculo ou outras formas e a correção fica por conta do aluno.
- Correção classificatória (ou codificada): o professor usa códigos ou símbolos previamente estabelecidos com os alunos e os utiliza nos escritos.
- Correção textual-interativa: o professor aponta o erro e tece comentários a respeito deles no corpo do texto ou ao final do texto.

Julgando que o uso de apenas uma das categorias tornaria a correção ineficiente, aqui será proposto o emprego de dois tipos de correção: o tipo indicativo e o textual- interativo. O professor indicará os desvios mais simples pelo método indicativo e tecerá comentários a respeito dos desvios mais reflexivos, de maior dificuldade de resolução. Para definir que tipo de equívocos serão corrigidos, faremos uso de três capacidades de linguagem, expostas por Leite (2012):

- Capacidades de ação: que “possibilitam ao sujeito adaptar sua produção à situação de ação de linguagem (representações do conteúdo temático e dos contextos físico, social e subjetivo) e ao gênero textual”;

- Capacidades discursivas: que “possibilitam escolher a infraestrutura textual (tipos de discurso, articulação entre os tipos de discurso, sequências e outras formas de planificação, plano geral”;

- Capacidades linguístico-discursivas: que “possibilitam realizar operações de linguagem implicadas na produção do texto e são de quatro tipo: (1) mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e coesão verbal); (2) mecanismos enunciativos (gerenciamento de vozes e modalizações); (3) construção de enunciados, orações e períodos; e (4) escolha de itens lexicais”.

Como o foco deste artigo e da sequência didática é o gênero textual carta de leitor e os recursos linguísticos empregados, as capacidades que serão avaliadas na reescrita serão as linguístico-discursivas, correspondentes aos mecanismos de textualização, à construção de enunciados, às orações e períodos e à escolha dos itens lexicais. Com base nessas noções conceituais iniciais, segue a proposição da sequência didática:

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Esta proposta de sequência pode ser adaptada para ser aplicada do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental e 1º ao 3º ano do Ensino Médio. O objetivo é fazer os alunos reconhecerem as marcas linguístico-textuais presentes no gênero cartas de leitor, em específico o caráter argumentativo e opinativo, além de verificar a organização retórica dessa tradição discursiva e desenvolver o processo de escrita dos alunos a partir de procedimentos de reescrita com anotações do professor. Vejamos as etapas:

Apresentação da situação

Resumo: apresentação do objetivo da sequência, da noção de historicidade do texto (conceito básico de TD) e da localização das cartas de leitor no jornal de ontem e de hoje.

Objetivo: familiarizar os alunos com o conceito de TD, para que eles busquem, à medida que as cartas forem apresentadas, os elementos constitutivos recorrentes no gênero; levá-los a reconhecer a importância do suporte jornal para a produção do gênero; e apresentar as cartas de leitor.

Tempo: 1 hora até 1 hora e 20 min Como pode ser feito?

Para a compreensão das tradições discursivas, o professor pode preparar exemplos de TD de fácil entendimento e pertencentes a situações corriqueiras, como o “Bom dia, como você está?”. É importante explicar que este enunciado é uma tradição, pois é usado em uma situação específica, de forma recorrente e em qualquer parte do mundo, em diferentes idiomas, com o mesmo objetivo de expressar um cumprimento. Pode-se também trazer exemplos de outros gêneros textuais, como duas receitas culinárias em idiomas distintos e expor para os alunos que são tradições discursivas, também na dimensão do gênero, que ocorrem em diferentes línguas e em diferentes momentos históricos.

Sobre o jornal e sobre as cartas de leitor, o docente pode iniciar esse momento perguntando aos alunos se eles conhecem o gênero, se já leram jornais etc. Posteriormente ele pode incluir em sua explicação a fala dos estudantes. O professor poderá levar para esse momento um pouco da história do jornal – é interessante trazer exemplos de jornais antigos e atuais, inclusive da esfera digital, para fazer um trabalho linguístico-semiótico contrastivo. Pode ser o jornal que vai ser trabalhado em sala (aqui serão usados “A Província de São Paulo/O Estado de São Paulo” e “Correio Paulistano”, como exemplo do século XIX, e o “Folha de São Paulo”, como exemplo mais atual). O jornal mais atual pode ser lido na versão impressa ou digital, e o mais antigo em slide. Os alunos colocados em uma situação de contato com o jornal, podem ser levados a localizar as cartas de leitor nestes periódicos de diferentes épocas. Nesse momento, é possível chamar a atenção dos alunos para o fato de que esse gênero textual não possuía uma posição específica no suporte, entretanto, com o processo de topicalização, ele ganhou um local e elementos constitutivos foram atualizados. É importante refletir com os alunos alguns motivos desse processo de topicalização, como, por exemplo, a necessidade de se adaptar e “competir” com as novas tecnologias e instrumentos e demandas sociais que foram surgindo ao longo dos anos. Atualmente, a grande maioria das cartas de leitor é publicada virtualmente. Essa é uma ótima oportunidade para pesquisar essas cartas em sites on-line e, assim, estabelecer a conexão entre as versões do passado e do presente. Cabe também explicar que o jornal de cada época atende às necessidades das pessoas da época. No século XIX, o jornal *Correio Paulistano* sem imagens atendia aos interesses e à prática comunicativa da população, assim como os de hoje. Nota-se, assim, que os jornais estão situados num espaço-tempo bem definido para sua constituição.

Exemplos de jornais



Figura 2: “Correio Paulistano”, edição do ano de 1890. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>



Figura 3: “Folha de S. Paulo”, edição do ano de 2007. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br>

Nota para aplicação em sala de aula: os alunos podem ser estimulados a buscar jornais antigos e a perceber, por si mesmos, esses elementos estruturais da carta, como a localização no suporte, que mudaram ao longo do tempo. Para estimular a pesquisa, o site da Biblioteca Nacional pode ser indicado para a busca de jornais de sincronias passadas: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. No próximo módulo, colocamos em foco a primeira produção escrita dos estudantes.

Módulo 1

Resumo: conceito e aspectos constitutivos básicos de uma carta de leitor (organização retórica); leitura de cartas de leitor, percepção dos elementos organizacionais constitutivos do gênero; e realização da primeira produção escrita.

Objetivo: fazer os estudantes reconhecerem os elementos organizacionais da carta, atentando para a parte inicial e final e estimular a produção escrita dos alunos.

Tempo: 45min até 1 hora Como pode ser feito?

Selecionar cartas de leitor de épocas distintas, aqui foram selecionadas duas, uma carta do início do século XX e outra do início do século XXI, uma ao lado da outra e um século de distância. Esse olhar contrastivo estimula os alunos a perceberem as regularidades estruturais. Se possível, é interesse colocar os alunos em contato com a versão original dos textos, acompanhada da transcrição. À medida que os alunos forem falando suas impressões, o docente pode colocar no quadro tudo que os estudantes pontuarem de permanência ou de mudança ao longo do tempo.

Exemplos de cartas:

“Eleição Federal Alem dos directorios politicos dos municipios de Casa Branca, Caconde e Santo Antonio, sabemos que o directorio republicano do importante municipio de Sertãozinho, por iniciativa do distincto chefe e seu illustr intendente, sr. Aprigio R. De Paula Araujo, tambem indicou á Commissão Central, o nome do dr. Amador B. Nogueira Cobra, para preencher a vaga federa dada com a renuncia do coronel Diederichsen. Parabens aos directorios acima citados pelo modo correcto que interpretam a vontade do eleitorado e felicitações aos dr. Cobra por ter recebido tão importantes provas de consideração e estima sem intervenção official. Eleitor do velho regime republicano, é com prazer que vejo voltar as antigas praxes. E. de Santa Cruz, 18 de fevereiro de 1901 Brasiliano W. Da Silva” (*O Estado de São Paulo*, de 20 de fevereiro de 1901)“

“Universidade

‘É muito -muito mesmo- vergonhoso o comportamento dos estudantes das universidades estaduais paulistas, pois acham que as universidades pertencem a eles, e não ao povo. Num país em que faltam moradias para famílias carentes, os estudantes querem mais alojamentos. Eles estudam gratuitamente, mas poucos prestam serviço de responsabilidade social e, quando se formam, nem retribuem a gratuidade dos seus estudos. Ora, todo órgão público deve ter as suas contas publicadas na internet. Mas os nossos cultos estudantes acham que não. Infelizmente, o nosso problema não são os políticos, mas o povo (ou a sua elite, que se acha superior por ter diploma).

’CLAUDIO MENDES (Belo Horizonte, MG)”
(*Folha de S. Paulo*, 21 de maio de 2007

Após o registro dos apontamentos dos alunos, passa-se a elencar os elementos básicos recorrentes: título, corpo de texto e identificação do autor da carta (nome, que pode ser um pseudônimo), cidade, profissão, escolaridade). Feito o reconhecimento dos elementos composicionais básicos, pode-se apresentar a situação-problema, que irá estimular a escrita de uma carta de leitor, a partir do conhecimento da organização retórica discutida anteriormente. É preciso reforçar sempre que se trata de um gênero de caráter público, os alunos precisam entender que a carta será lida por dezenas de pessoas, uma vez que poderá, por exemplo, ser publicada no site da escola. Seguem algumas sugestões de situação-problema:

- Falta de água no bairro, redija uma reclamação para os órgãos superiores.
- Há um novo shopping muito bom, faça um comentário elogioso.
- Uma ação solidária foi realizada em sua cidade e ajudou muitas pessoas, demonstre seu apoio a esse tipo de movimento.
- Uma carta que foi publicada anteriormente no jornal citou seu nome e lhe colocou como uma pessoa má, faça uma carta de defesa.

Em seguida, o docente realiza a leitura e faz as marcações necessárias nas cartas, a fim de que os estudantes possam fazer a revisão e as reflexões linguístico-discursivas.

Nota para aplicação em sala de aula: aqui foram sugeridas situações hipotéticas, cada professor(a) pode criar situações-problema que envolvam o contexto em que os alunos estão inseridos. Por exemplo: o colégio se localiza numa região onde há muitos assaltos, alguns alunos podem ter sofrido com isso, coloque-os numa situação onde irão escrever uma carta pedindo para o prefeito um policiamento mais ostensivo nessa área.

Módulo 2

Resumo: percepção de diferentes funções das cartas de leitor e as tradições discursivas de cada uma delas; exposição de novas situações-problema que se encaixem no tipo opinativo, utilizado como exemplo neste artigo; e reescrita da produção inicial considerando a especificidade da função.

Objetivo: fazer os alunos perceberem que um mesmo gênero pode exercer diferentes funções e trabalhar a reescrita, visando ao aperfeiçoamento dos textos dos alunos, de acordo com as funções das cartas produzidas por eles.

Tempo: 1 hora até 1 hora de 30 min Como pode ser feito?

No primeiro momento, o professor tecerá comentários acerca da produção inicial dos alunos e poderá fazer uma rápida explicação quanto ao que está adequado ou não ao gênero em questão. A primeira produção dos alunos será devolvida para que façam a reescrita, atentando também para a função de sua carta de leitor.

Após esse momento, com o intuito de discutir as funções das cartas (manifestação opinativa, reivindicatória, cultural ou emocional do leitor), o professor pode colocar em

contraposição diferentes cartas de leitor, de anos distintos e estimular os alunos a perceberem as especificidades linguística e funcionais dessas cartas. Os alunos precisam perceber que, ainda que tenha uma mudança linguística e funcional bem evidente, os objetivos das cartas continuam iguais. Aqui será tomado como exemplo a carta de leitor opinativa em dois séculos diferentes.

Exemplos de cartas opinativas:

“Jundiahy

É rico ou cabeça? Deparou-se-nos hoje um impagável artigo assignado pelo menino Eloy das Chaves, artigo esse que demonstra claramente o alto critério de illustre Sancho Pança, que está tão visionário como alguém... Senão vejamos: Na correspondencia do “Estado de S. Paulo” do dia 28 de dezembro, depois de grande descompostura ao chefe do partido dominante e exaltando (merecidamente) as qualidades do delegado militar o sr. capitão Graça Martins diz o louro menino o seguinte: “Hoje a nossa população está satisfeita, relativamente satisfeita, porque tem um delegado militar correcto que sem inclinar-se para nenhum dos grupos adversos, com elles priva sem desviar-se da linha recta da justiça. Jundiahy em paz! Que fez o governo para realizar tão estupenda coisa!? Amordaçou, estrangulou a dissidencia política? Não! Deu-lhe liberdade e cohibia os lobos que se faziam de innocentes cordeiros [...] [...] Foi esse acto do governo, nomeando delegado militar para Jundiahy, que salvou adissidencia Jundiahyana.” Vejamos agora o que diz o menino Eloy das Chaves, que seria uma gloria da patria na jurisprudencia se não fôra sua decidida vocação para musica, mormente para alguns instrumentos de sopro... Vejamos, repito, o que diz o menino no artigo hontem publicado no Estado de S. Paulo: “Para a delicada missão de restabelecer a ordem em Jundiahy, foi o governo chamar um official havido por distincto, qual o capitão Graça Martins. Sua senhoria aqui chegou e ao envez de respeitar a intenção de quem aqui mandou-o desde logo poz-se na mais estreita intimidade com os chefes do partido situacionista, um dos quaes o senhor Luiz Martins Cruz, supplente do delegado, é seu próximo parente....” [...] [...] porque, note-se bem, sua senhoria é Delegado Militar em uma terra conflagrada e ninguem chamou-os debate... [...] Uma auctoridade mais criteriosa ter-se-ia negado a fornecer essa arma politica. “A transcripção, que acabamos de fazer, de um e de outro artigo do menino Eloy das Chaves, nos obriga a perguntar-lhe: O sr. capitão Graça Martins é uma auctoridade recta, criteriosa como o menino disse em seu primeiro artigo (correspondencia) ou é parcial, incorrecta e sem criterio, como no artigo de hontem?! Sua senhoria anda ás tontas, parecendo teras facultades mentaes um tanto abaladas... Pense... medite... reflecta... considere a triste figura que anda a representar!... Sua senhoria deve convir que não é bonito para um director de um estabelecimento de ensino á baixa gíria — trocou de falso, que s.s. apesar de suas altas posição, educação, instrução, habilitação, collocação, pretenção e tudo o mais que acaba em ão, magistralmente empregou no seu py-ramidal artigo do Estado de S. Paulo de 4 do corrente, alludindo ao officio do sr. Capitão Graça Martins ao exmo. sr. dr. chefe de policia. Se fosse linguagem parlamentar, tambem usaríamos com relação a grande mentira atirada por s.s., quando referindo-se ao numero de votos moraesistas, disse que desse grupo compareceram ás urnas 200 eleitores, ao passo que só compareceram 100! Como aconselhei-o, não diga asneiras, não faça palhaçada, deixe de representar a triste figura do heroe de Shakspeare. Jundiahy, 4 de janeiro de 1901. Carlos de Queiroz Guimarães. “ (*O Estado de S. Paulo*, 5 de janeiro de 1901)

“Pichação

Está de "parabéns" a polícia do Rio de Janeiro pela investigação sobre a pichação no Cristo Redentor. Foi uma verdadeira "caça às bruxas" o que fizeram com os rapazes que picharam o monumento. Um show de investigação e da mídia. Aliás, um show que não se vê quando o assunto são as máfias de caça-níqueis, que até explodem carros em passeio público, ou a prevenção de ocupação de áreas em risco de deslizamento. Parece que é uma coisa tentando encobrir outra. Talvez agora os pichadores sejam colocados na cadeia para "servir de exemplo" (como fizeram com a pichadora da Bienal em São Paulo). Mas pode ser que, de pichadores, passem a ser criminosos. Será que Cristo vai assistir impassível a mais essa "inquisição" contemporânea? ALEXANDRE MACHADO, ex-pichador e estudante de filosofia (São Paulo, SP)" (*Folha de S. Paulo*, 23 de abril de 2010)

Após o reconhecimento da função opinativa da carta leitor e da reescrita considerando as correções relacionadas às funções, o professor procede as intervenções de caráter linguístico-discursivo.

Nota para aplicação em sala de aula: o objetivo do trabalho é a produção das cartas de leitor, passando pelo processo de reescrita e divulgação da produção final em algum espaço de socialização, como, por exemplo, o site da escola.

Módulo 3

Resumo: reflexão linguístico-argumentativa da carta de leitor a serviço da função opinativa; os modos de dizer específicos e recorrentes promovem o convencimento na construção dos argumentos da carta; reescrita da carta.

Objetivo: fazer os alunos reconhecerem a argumentatividade das cartas de leitor e os modos de dizer utilizados, colocando em prática os velhos e os novos conhecimentos.

Tempo: 1 hora até 1 hora e 30 min. Como pode ser feito?

Mantendo a prática de analisar coletivamente mais de uma carta de leitor opinativa, cabe perguntar aos alunos quais são os argumentos utilizados para defender as opiniões e quais estratégias os estudantes percebem nas cartas. Após esse levantamento de ideias mais gerais, o professor pode discutir mais pontualmente os modos de dizer recorrentes: os usos de perguntas retóricas, de frases subordinadas, o uso de frases exclamativas e interrogativas, o uso de verbos no imperativo ou subjuntivo, o emprego da primeira pessoa do plural como estratégia de envolvimento etc.

Exemplos de cartas de leitor opinativas:

Tragédias

Será que o presidente Lula esqueceu para qual país foi eleito? Nosso país sofreu várias catástrofes naturais. Ilha Grande, São Paulo e Santa Catarina ficaram debaixo de água. E não vejo esforços deste governo em ajudá-los. Agora vejo o presidente anunciar o envio de milhões para ajudar o Haiti, fazer um PAC naquele país etc. Será que com a tragédia no Chile vai ser a mesma coisa? Nada contra ser solidário, mas só podemos ajudar quando temos condições para tal. Está na hora de o governo parar de dar bom dia com o chapéu dos outros, como dizia minha avó. JOSÉ ROBSON OLIVEIRA (São Paulo, SP)” (Folha de S. Paulo, 20 de março de 2010)

Escola

Fiquei desapontada com o foco irônico dado ao Primetime Child Development na reportagem "Escola bilíngue para bebês custa até R\$ 5.388 por mês" (Cotidiano, 25/2). A má impressão começa pelo título, que enfatiza o preço, como se a principal preocupação do Primetime fosse elitizar a educação. Como administradora de empresas e mãe, asseguro que não há como oferecer qualidade, infraestrutura e treinamento contínuo aos educadores sem investimento financeiro. Em um país onde não faltam exemplos de precariedade na educação, por que não enfatizar positivamente a existência de um centro de desenvolvimento para bebês? Por que revestir de ironias o fato de existirem pessoas que acreditam nesse modelo de educação e podem pagar por um serviço de excelência? Por que não pode haver afeto em escolas "caras" para bebês? Acredito que os bebês que estão no Primetime terão um melhor entendimento do mundo, serão mentes curiosas, farão um mundo melhor, terão desenvolvido mais profundamente sua autoestima, pois recebem muito afeto e diários desafios intelectuais. Primetime é um mundo ideal, infelizmente para poucos. Espero que um dia, em uma sociedade mais próspera e sem preconceitos, todos os bebês tenham a chance de desfrutar dele. FERNANDA LEE (São Paulo, SP)” (Folha de S. Paulo, 02 de março de 2010)

No momento seguinte, o professor poderá fazer com que os alunos analisem os próprios textos, refletindo sobre a adequação ou não dos modos de dizer que utilizaram para atingir o ato de argumentar em defesa de suas opiniões. Após a autoavaliação, professor pede a reescrita da carta para chegar à versão final.

Módulo 4

Resumo: debate sobre a leitura de textos do passado e do presente, sobre o processo de escrita do gênero, sobre a experiência, as facilidades e dificuldades no processo; e a socialização da produção final. Objetivo: verificar se o processo foi de ajuda para os alunos, se foi interessante, produtivo e fazer os alunos perceberem sua evolução na produção escrita.

Tempo: 1 hora até 1 hora e 30 min Como pode ser feito?

Após a entrega da versão final das cartas de leitor, é bastante produtivo promover um momento de debate para que o professor faça a sua avaliação do processo, como também os alunos se posicionem acerca da experiência de trabalhar com o gênero carta de leitor em diferentes tempos. Ouvi-los sobre a correspondência entre as suas posições iniciais e finais, se houve mudança nas posições, se o processo de escrita favoreceu a aprendizagem é uma forma de tornar a sala de aula um espaço realmente de troca de saberes.

No tocante à socialização, após esse momento de avaliação da realização a sequência didática, pode ser franqueado o espaço para a leitura das cartas, seguida do estímulo à publicação em algum espaço de circulação pública, quer seja enviando para um jornal local, o jornal ou site da escola. Caso a escola não possua jornal, isso pode ser trabalhado com eles, em um momento anterior a essa sequência, com o foco de criar um periódico na escola.

Nota para aplicação em sala de aula: esse módulo é dedicado a um momento de autoavaliação e avaliação coletiva sobre o processo de aprendizagem pautado no gênero carta de leitor em suas diferentes funções e versões ao longo do tempo. A tomada dos comentários positivos e negativos auxilia na adaptação para as novas abordagens.

6. Conclusão

Iniciando pelo conceito de Tradição Discursiva, enveredando pelo domínio jornalístico e chegando à sala de aula, o presente artigo discorreu sobre a historicidade do gênero carta de leitor e o ensino. O objetivo do artigo foi a proposição de uma sequência didática que contemplasse diferentes dimensões de ensino considerando versões da carta de leitor do passado e do presente. As dimensões ensináveis aqui abordadas foram: a localização do gênero no suporte do jornal; a organização retórica; as especificidades das funções; os modos de dizer recorrentes na argumentação. Essas são algumas entre muitas outras dimensões ensináveis.

A sequência proposta pode ser aplicada em diversos anos de formação escolar, o que, obviamente, fica a critério de cada professor(a), uma vez o intuito é reforçar as habilidades

linguístico-textuais dos alunos. O diferencial dessa proposta é levar para a sala de aula os gêneros de uma forma dinâmica, mostrando sua existência em diferentes contextos espaço-temporais, de modo a favorecer a abordagem dos diferentes eixos: leitura, escrita, oralidade e reflexão linguístico-semiótica, conforme a BNCC (2017).

Evidentemente, não se trata de uma receita a ser seguida, mas sim uma proposta de didatização, elaborada por uma aluna de graduação, professora em formação, e por uma professora-formadora que busca incluir reflexões sobre a historicidade da língua e dos textos na sala de aula. Espera-se que a leitura deste artigo suscite outras ideias que possam fazer da sala de aula um espaço constante de criatividade.

Referências

ANDRADE, M. L. C. V. O.; GOMES, V. S. Introdução: Tradições Discursivas: Reflexões Conceituais. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). **Tradições Discursivas do Português Brasileiro: Constituição e Mudança dos Gêneros Discursivos**. São Paulo: Contexto, 2018.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CARVALHO, Jorge Luiz Queiroz; ZAVAM, Aurea. Tradições Discursivas: conceitos e métodos para a análise diacrônica de gêneros. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 41-54, jan.| jun., 2018.

CORRÊA, Z. T. R. O gênero carta do leitor: análise de exemplares publicados no jornal Folha de S. Paulo. In: **VIII Encontro do CELSUL-Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**, 2008, Porto Alegre -RS. VIII Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2008.

COSTA, A. C. da. Cartas de leitores em jornais paulistas do século XIX e XX: evolução de uma tradição discursiva. In: **80. Congresso Alemão de Lusitanistas**, 2009, Munique. *Tendências actuais da Linguística Lusófona*, 2009.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. Ed. Mercado das Letras, 2004.

GOMES, V. S. **Traços de mudança e permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Orgs.). *Para a História do Português Brasileiro Novos dados, novas análises*. v. 6. 2t. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2006, p. 505-530.

KOCH, P. **Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik**. In: FRANK, Barbara; HAYE, Thomas; TOPHINKE, Doris (Eds.). *Gattungen mittelalterlicher*

Schriftlichkeit. Tradução de Alessandra Castilho Ferreira da Costa. Tübingen: Narr 1997 (ScriptOralia, 99), 43-79.

LEITE, E. G. A Produção de Textos em Sala de Aula: da Correção do Professor à Reescrita do Aluno. In: PEREIRA, R. C. M. (Org.). **Nas trilhas do ISD: Práticas de ensino-aprendizagem da escrita**. São Paulo: Pontes Editora, 2012.

OESTERREICHER, W. La “recontextualización” de los géneros medievales como tarea hermenêutica. In: JACOB, Daniel; KABATEK, Johannes (Eds.). **Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica**. Frankfurt am Main: Vervuert: Iberoamericana, 2001.